

"Antonio"

A novella dramatica de Antonio Botto, à parte a sua limpa e exacta execução, o seu suave contorno psychologico, e a perfeita harmonia nella entre a materia e a fôrma, tem como caracteristico particularmente distinctivo que, tratando embora um caso diversamente escabroso, onde seria facil qualquer lapso de mau gosto e ou de má reserva, de qualquer d'elles se afasta resolutamente. No tratamento d'esse complexo caso sexual nada ha que estheticamente perturbe ou moralmente incommode. Nem sequer o assumpto transborda, contido como é pela sobriedade da sua verdade, ou a sua execução se desvia, presa como é das melhores solicitações da belleza.

Todo o assumpto tem a tentação que d'elle é propria. Todo artista tem a tentação propria d'aquelle assumpto que lhe é principal, pois para cada um ha um principal assumpto. Nos assumptos concentrados, e por isso mesmo frios, a tentação natural é a da sobriedade excessiva, pela qual ficarão gelidos, como é frequente no classicismo. Nos assumptos expansivos, e por isso mesmo transbordantes, a tentação natural é a da exuberancia extrema, pela qual ficarão dispersos, o que é vulgar no romanticismo. O senso esthetico do artista, o seu "tacto" por assim dizer, consiste ~~em~~ ou em dominar directamente, por uma exuberancia espontanea a frieza dos primeiros, por uma cautella logica a exuberancia dos segundos, e

104-6
2.

assim dar equilibrio ao que naturalmente o não tinha; ou em de tal modo escolher o assumpto que nelle residam, parallelos, elementos intimos de sobriedade e expansão, que assim, por si mesmos, entre si se equilibrem.

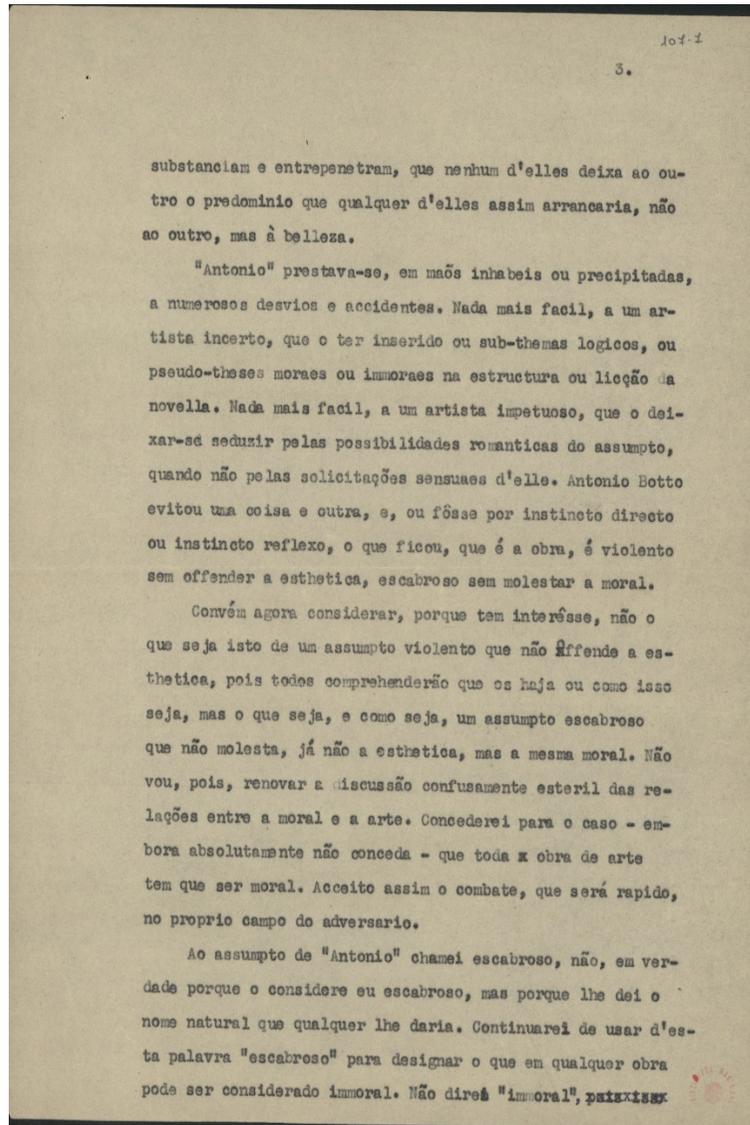
Tudo isto, assim exposto como se fôsse producto de um pensamento ou de uma regra, não resulta nunca, na realidade, de uma regra ou de um pensamento. Nada, que seja arte, resulta de uma applicação da logica. As forças que orientam ou coordenam são producto, em arte, da mesma sensibilidade a que se contrapõem. O verdadeiro artista é aquelle que, creando subita e irreflectidamente, criou querendo contudo, sem que o quizesse, com equilibrio e medida. É no artista, isto é, na sensibilidade d'elle, que está natural a regra; na intelligencia do artista, que é a de toda a gente, não está mais que artificio, critica extranha e posterior. O pensamento do verdadeiro artista não é uma sobreposição da logica, mas uma disposição harmonica da propria sensibilidade.

Escolheu Antonio Botto um assumpto para a sua novella dramatica - ou, melhor, escolheu-se nelle esse assumpto - no qual estão intimamente ligados dois elementos contrarios em natureza, mas unidos - direi mais, aünados - em formarem um só assumpto. São elles um cruzamento de linhas sensuaes differentes - elemento naturalmente expansivo e complexo, e a tragedia ~~resultante~~ nitida e una que provém naturalmente d'esse cruzamento - elemento naturalmente sobrio e simples. De tal modo os dois elementos da novella se con-

assim dar equilibrio ao que naturalmente o não tinha; ou em de tal modo escolher o assumpto que nelle residam, parallelos, elementos intimos de sobriedade e expansão, que assim, por si mesmos, entre si se equilibrem.

Tudo isto, assim exposto como se fôsse producto de um pensamento ou de uma regra, não resulta nunca, na realidade, de uma regra ou de um pensamento. Nada, que seja arte, resulta de uma applicação logica. As forças que orientam ou coordenam são producto, em arte, da mesma sensibilidade a que se contrapõem. O verdadeiro artista é aquelle que, creando subita e irreflectidamente, criou contudo, querendo sem que o quizesse, com equilibrio e medida. É no artista, isto é, na sensibilidade d'elle, que é propria, que está natural a regra; na intelligencia do artista, que é a de toda a gente, não está mais que artificio, critica extranha e posterior. O pensamento do verdadeiro artista não é uma sobreposição da logica, mas uma disposição harmonica da propria sensibilidade.

Escolheu Antonio Botto um assumpto para a sua novella dramatica - ou, melhor, escolheu-se nelle esse assumpto - no qual estão intimamente ligados dois elementos contrarios em natureza, mas unidos - direi mais, aünados - em formarem um só assumpto. São elles um cruzamento de linhas sensuaes differentes - elemento naturalmente expansivo e complexo, e a tragedia ~~resultante~~ nitida e una que provém naturalmente d'esse cruzamento - elemento naturalmente sobrio e simples. De tal modo os dois elementos da novella se con-

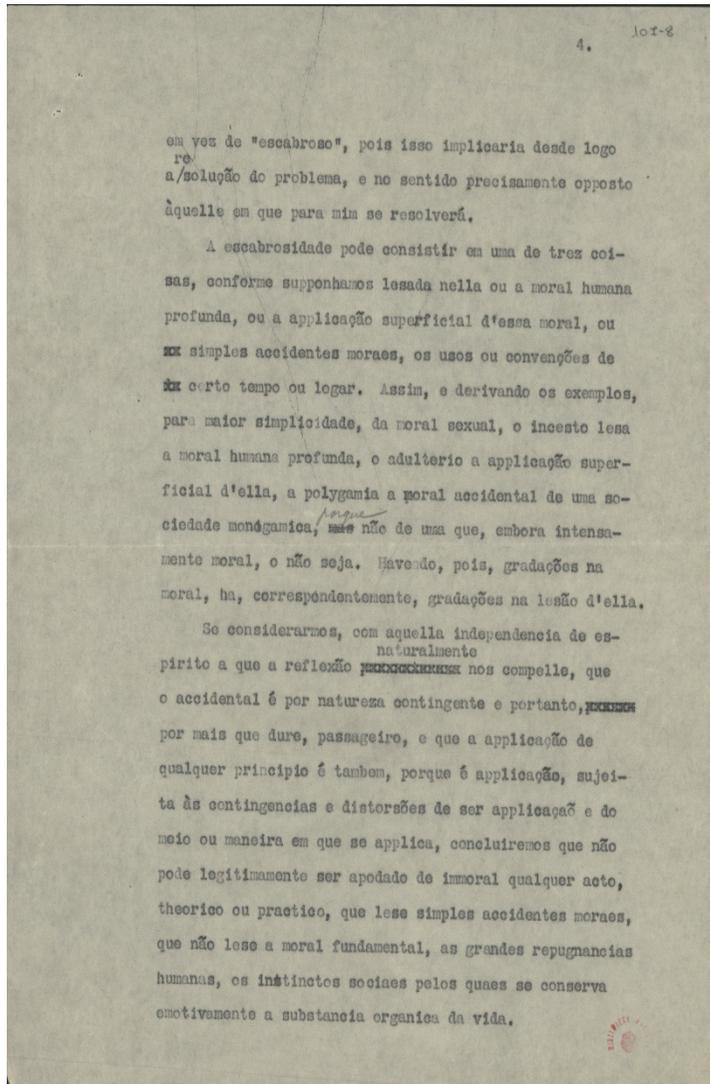


substanciam e entrepenetram, que nenhum d'elles deixa ao outro o predominio que qualquer d'elles assim arrancaria, não ao outro, mas à belleza.

"Antonio" prestava-se, em mãos inhabeis ou precipitadas, a numerosos desvios e accidentes. Nada mais facil, a um artista incerto, que o ter inserido ou sub-themas logicos, ou pseudo-theses moraes ou immorales na estrutura ou licção da novella. Nada mais facil, a um artista impetuoso, que o deixar-se seduzir pelas possibilidades romanticas do assumpto, quando não pelas solicitações sensuaes d'elle. Antonio Botto evitou uma coisa e outra, e, fôsse por instincto directo ou instincto reflexo, o que ficou, que é a obra, é violento sem offender a esthetica, escabroso sem molestar a moral.

Convém agora considerar, porque tem interêsse, não o que seja isto de um assumpto violento que não offende a esthetica, pois todos comprehenderão que os haja ou como isso seja, mas o que seja, e como seja, um assumpto escabroso que não molesta, já não a esthetica, mas a mesma moral. Não vou, pois, renovar a discussão confusamente esteril das relações entre a moral e a arte. Concederei para o caso - embora absolutamente não conceda - que toda a obra de arte tem que ser moral. Aceito assim o combate, que será rapido, no proprio campo do adversario.

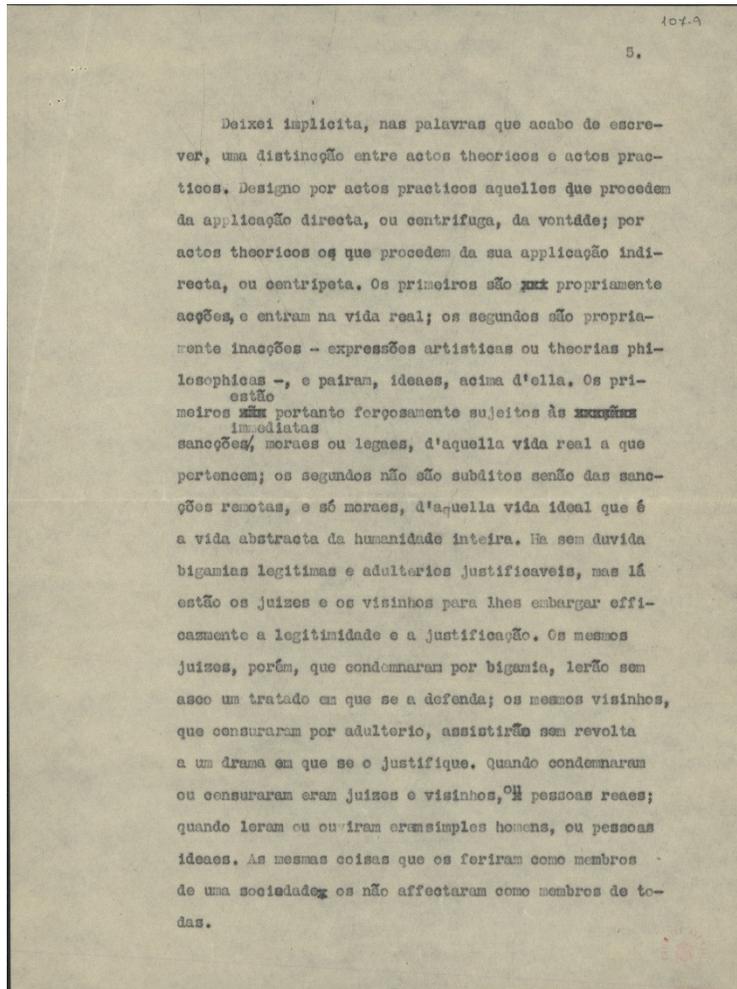
Ao assumpto de "Antonio" chamei escabroso, não, em verdade porque o considere eu escabroso, mas porque lhe dei o nome natural que qualquer lhe daria. Continuarei de usar d'esta palavra "escabroso" para designar o que em qualquer obra pode ser considerado immoral. Não direi "immoral", pois-isso



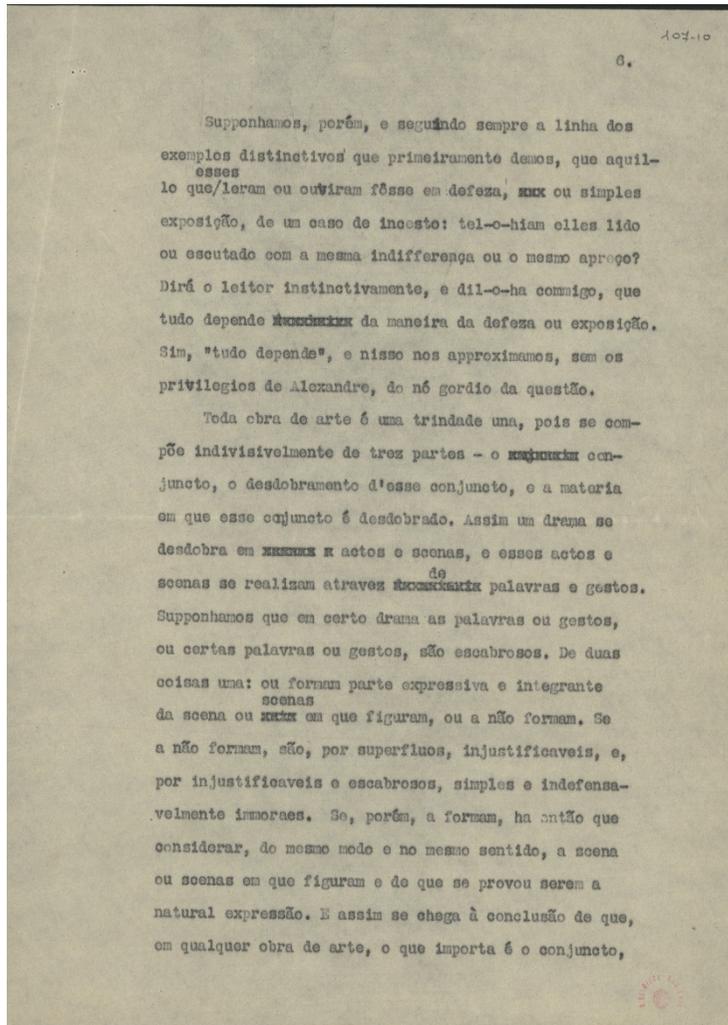
em vez de "escabroso", pois isso implicaria desde logo a resolução do problema, e no sentido precisamente opposto àquelle em que para mim se resolverá.

A escabrosidade pode consistir em uma de trez coisas, conforme supponhamos lesada nella ou a moral humana profunda, ou a applicação superficial d'essa moral, ou ~~em~~ simples accidentes moraes, os usos ou convenções de ~~de~~ certo tempo ou logar. Assim, e derivando os exemplos, para maior simplicidade, da moral sexual, o incesto lesa a moral humana profunda, o adulterio a applicação superficial d'ella, a polygamia a moral accidental de uma sociedade monogamica, ~~mas~~ porque não de uma que, embora intensamente moral, o não seja. Havendo, pois, gradações na moral, ha, correspondentemente, gradações na lesão d'ella.

Se consideramos, com aquella independencia de espirito a que a reflexão ~~por natureza~~ naturalmente nos compelle, que o accidental é por natureza contingente e portanto, ~~passa~~ por mais que dure, passageiro, e que a applicação de qualquer principio é tambem, porque é applicação, sujeita às contingencias e distorsões de ser applicação e do meio ou maneira em que se applica, concluiremos que não pode legitimamente ser apodado de immoral qualquer acto, theorico ou practico, que lese simples accidentes moraes, que não lese a moral fundamental, as grandes repugnancias humanas, os instinctos sociaes pelos quaes se conserva emotivamente a substancia organica da vida.

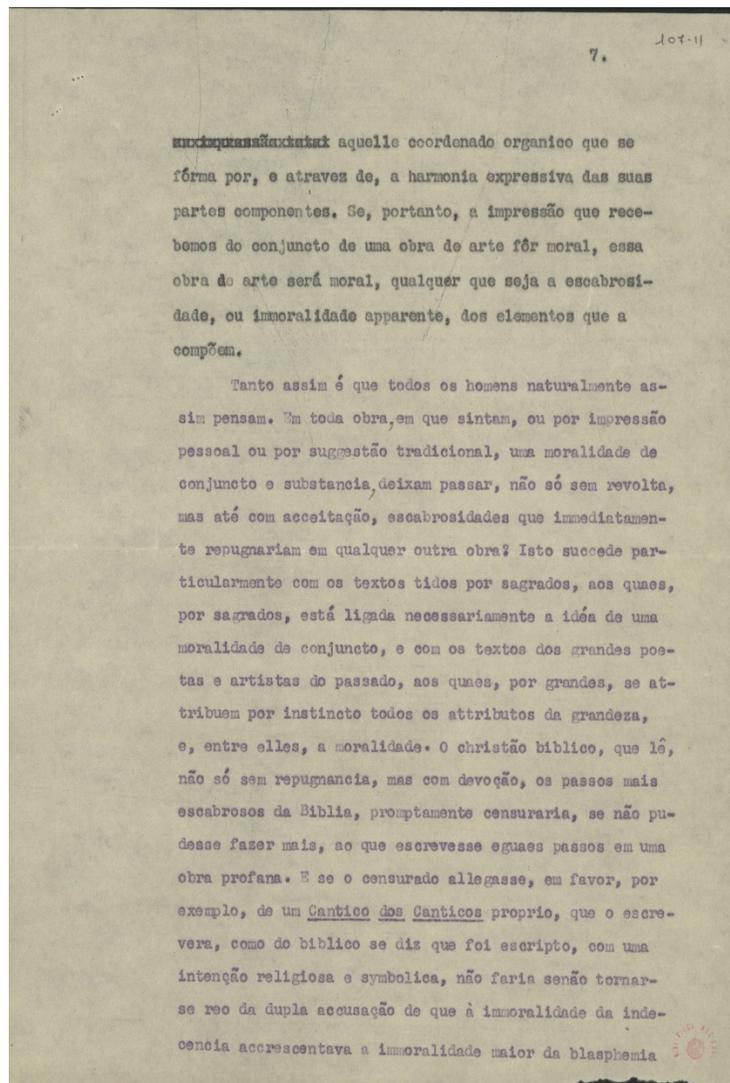


Deixei implicita, nas palavras que acabo de escrever, uma distincção entre actos theoreticos e actos practicos. Designo por actos practicos aquelles que procedem da applicação directa, ou centrifuga, da vontade; por actos theoreticos os que procedem da sua applicação indirecta, ou centripeta. Os primeiros são ~~pr~~ propriamente acções, e entram na vida real; os segundos são propriamente inacções - expressões artisticas ou theorias philosophicas -, e pairam, ideaes, acima d'ella. Os primeiros ~~são~~ estão portanto forçosamente sujeitos às ~~sancções~~ sancções immediatas, moraes ou legaes, d'aquella vida real a que pertencem; os segundos não são subditos senão das sancções remotas, e só moraes, d'aquella vida ideal que é a vida abstracta da humanidade inteira. Ha sem duvida bigamias legitimas e adulterios justificaveis, mas lá estão os juizes e os visinhos para lhes embargar efficaçmente a legitimidade e a justificação. Os mesmos juizes, porém, que condemnaram por bigamia, lerão sem asco um tratado em que se a defenda; os mesmos visinhos, que censuraram por adulterio, assistirão sem revolta a um drama em que se o justifique. Quando condemnaram ou censuraram eram juizes ou visinhos, ^{ou} pessoas reaes; quando leram ou ouviram eransimples homens, ou pessoas ideaes. As mesmas coisas que os feriram como membros de uma sociedade, os não affectaram como membros de todas.



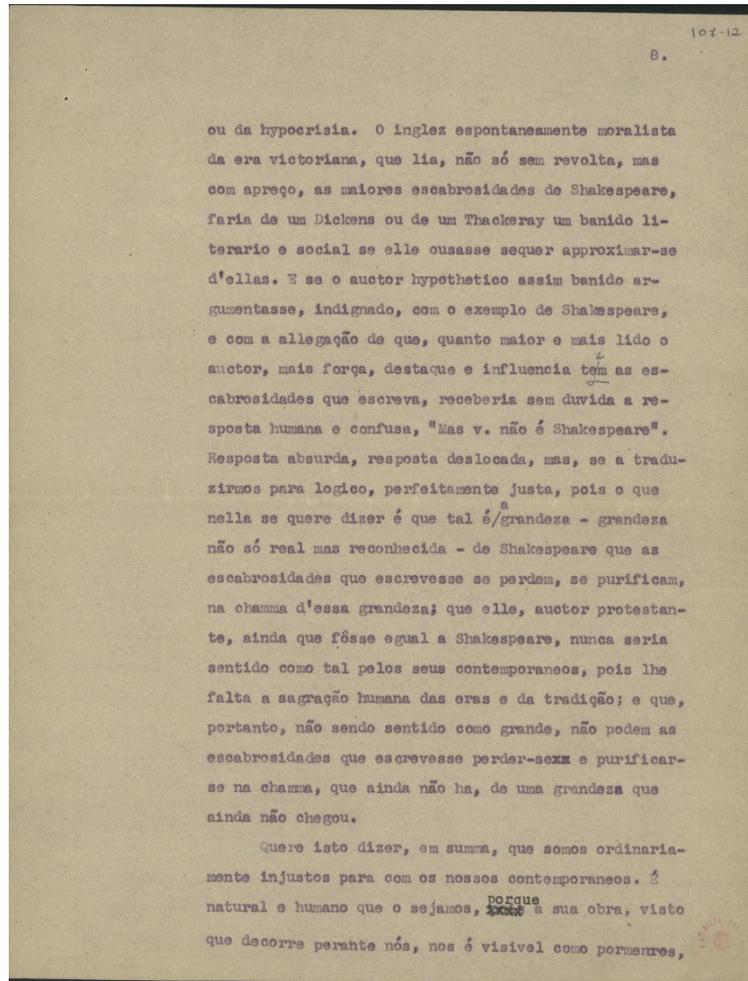
Supponhamos, porém, e seguindo sempre a linha dos exemplos distinctivos que primeiramente demos, que aquillo que esses leram ou ouviram fôsse em defeza, ~~ou~~ ou simples exposição, de um caso de incesto: tel-o-hiam elles lido ou escutado com a mesma indifferença ou o mesmo apreço? Dirá o leitor instinctivamente, e dil-o-ha commigo, que tudo depende ~~da maneira~~ da maneira da defeza ou exposição. Sim, "tudo depende", e nisso nos approximamos, sem os privilegios de Alexandre, do nó gordio da questão.

Toda obra de Arte é uma trindade una, pois se compõe indivisivelmente de tres partes - o ~~cojuncto~~ conjuncto, o desdobramento d'esse conjuncto, e a materia em que esse conjuncto é desdobrado. Assim um drama se desdobra em ~~actoes~~ e actos e scenas, e esses actos e scenas se realizam atravez ~~da materia~~ de palavras e gestos. Supponhamos que em certo drama as palavras ou gestos, ou certas palavras ou gestos, são escabrosos. De duas coisas uma: ou formam parte expressiva e integrante da scena ou ~~mate~~ scenas em que figuram, ou a não formam. Se a não formam, são, por superfluos, injustificaveis, e, por injustificaveis e escabrosos, simples e indefensavelmente immoraes. Se, porém, a formam, ha então que considerar, do mesmo modo e no mesmo sentido, a scena ou scenas em que figuram e de que se provou serem a natural expressão. E assim se chega à conclusão de que, em qualquer obra de arte, o que importa é o conjuncto,



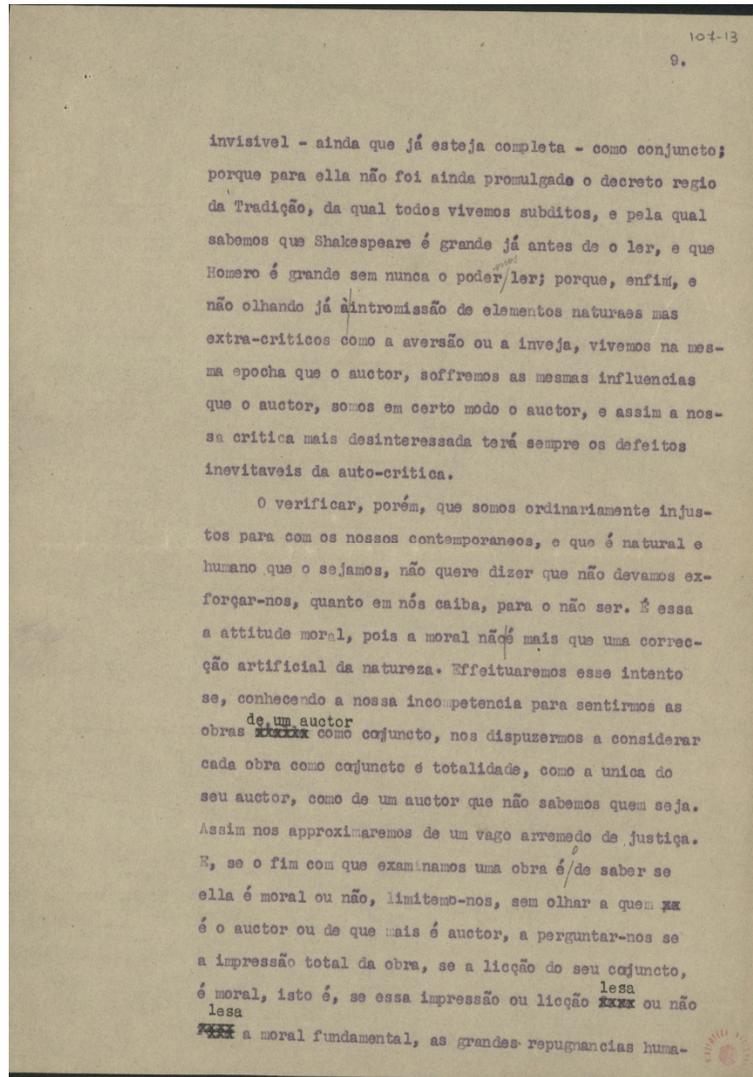
~~ou impressão total~~ aquelle coordenado organico que se
fôrma por, e atravez de, a harmonia expressiva das suas
partes componentes. Se, portanto, a impressão que
recebemos do conjuncto de uma obra de arte fôr moral, essa
obra de arte será moral, qualquer que seja a
escabrosidade, ou immoralidade apparente, dos elementos
que a compõem.

Tanto assim é que todos os homens naturalmente assim
pensam. Em toda obra, em que sintam, ou por impressão
pessoal ou por suggestão tradicional, uma moralidade de
conjuncto e substancia, deixam passar, não só sem revolta,
mas até com acceitação, escabrosidades que imediatamente
repugnariam em qualquer outra obra. Isto succede
particularmente com os textos tidos por sagrados, aos
quaes, por sagrados, está ligada necessariamente a idéa de
uma moralidade de conjuncto, e com os textos dos grandes
poetas e artistas do passado, aos quaes, por grandes, se
attribuem por instincto todos os attributos da grandeza,
e, entre elles, a moralidade. O christão biblico, que lê,
não só sem repugnancia, mas com devoção, os passos mais
escabrosos da Biblia, promptamente censuraria, se não
pudesse fazer mais, ao que escrevesse eguaes passos em uma
obra profana. E se o censurado allegasse, em favor, por
exemplo, de um *Cantico dos Canticos* proprio, que o
escrevera, como do biblico se diz que foi escripto, com
uma intenção religiosa e symbolica, não faria senão
tornar-se reo da dupla accusação de que à immoralidade da
indecencia accrescentava a immoralidade maior da
blasphemia



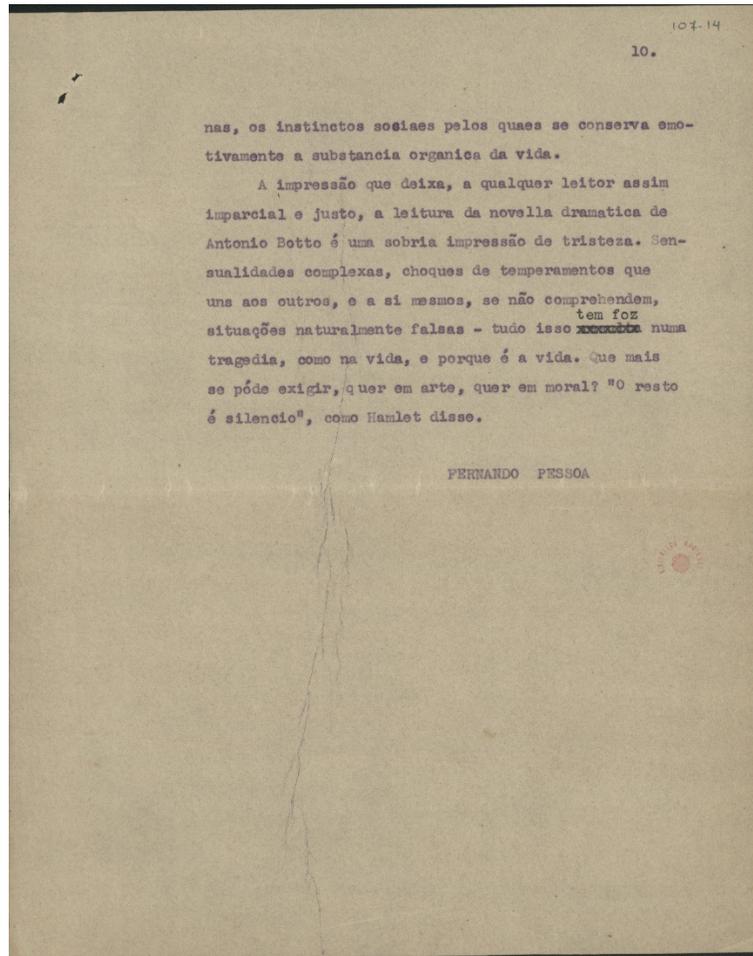
ou da hypocrisia. O inglez espontaneamente moralista da era victoriana, que lia, não só sem revolta, mas com apreço, as maiores escabrosidades de Shakespeare, faria de um Dickens ou de um Thackeray um banido literario e social se elle ousasse sequer approximar-se d'ellas. E se o auctor hypothetico assim banido argumentasse, indignado, com o exemplo de Shakespeare, e com a allegação de que, quanto maior e mais lido o auctor, mais força, destaque e influencia tem as escabrosidades que escrevera, receberia sem duvida a resposta humana e confusa, "Mas v. não é Shakespeare". Resposta absurda, resposta deslocada, mas, se a traduzirmos para logico, perfeitamente justa, pois o que nella se quer dizer é que tal é a grandeza - grandeza não só real mas reconhecida - de Shakespeare que as escabrosidades que escrevesse se perdem, se purificam, na chama d'essa grandeza; que elle, auctor protestante, ainda que fôsse igual a Shakespeare, nunca seria sentido como tal pelos seus contemporaneos, pois lhe falta a sagração humana das eras e da tradição; e que, portanto, não sendo sentido como grande, não podem as escabrosidades que escrevesse perder-se ~~ne~~ e purificar-se na chamma, que ainda não ha, de uma grandeza que ainda não chegou.

Quere isto dizer, em summa, que somos ordinariamente injustos para com os nossos contemporaneos. É natural e humano que o sejamos, ~~pois~~ porque a sua obra, visto que decorre perante nós, nos é visivel como pormenores,



invisível - ainda que já esteja completa - como conjuncto; porque para ella não foi ainda promulgado o decreto regio da Tradição, da qual todos vivemos subditos, e pela qual sabemos que Shakespeare é grande já antes de o ler, e que Homero é grande sem nunca o podermos ler; porque, enfim, e não olhando já à intromissão de elementos naturaes mas extra-criticos como a aversão ou a inveja, vivemos na mesma epocha que o auctor, soffremos as mesmas influencias que o auctor, somos em certo modo o auctor, e assim a nossa critica mais desinteressada terá sempre os defeitos inevitaveis da auto-critica.

O verificar, porém, que somos ordinariamente injustos para com os nossos contemporaneos, e que é natural e humano que o sejam, não quer dizer que não devamos exforçar-nos, quanto em nós caiba, para o não ser. É essa a attitude moral, pois a moral não é mais que uma correcção artificial da natureza. Effeituaremos esse intento se, conhecendo a nossa incompetencia para sentirmos as obras ~~de elle~~ de um auctor como conjuncto, nos dispuzermos a considerar cada obra como conjuncto e totalidade, como a unica do seu auctor, como de um auctor que não sabemos quem seja. Assim nos aproximaremos de um vago arremedo de justiça. E, se o fim com que examinamos uma obra é o de saber se ella é moral ou não, limitemo-nos, sem olhar a quem ~~pe~~ é o auctor ou de que mais é auctor, a perguntar-nos se a impressão total da obra, se a licção do seu conjuncto, é moral, isto é, se essa impressão ou licção ~~ferre~~ ^{lesada} ou não ~~ferre~~ ^{lesada} a moral fundamental, as grandes repugnancias huma-



nas, os instinctos sociaes pelos quaes se conserva emotivamente a substancia organica da vida.

A impressão que deixa, a qualquer leitor assim imparcial e justo, a leitura da novella dramatica de Antonio Botto é uma sobria impressão de tristeza. Sensualidades complexas, choques de temperamentos que uns aos outros, e a si mesmos, se não comprehendem, situações naturalmente falsas - tudo isso ~~ressalta~~ ^{tem foz} numa tragedia, como na vida, e porque é a vida. Que mais se póde exigir, quer em arte, quer em moral? "O resto é silencio", como Hamlet disse.

FERNANDO PESSOA

DIREITOS ASSOCIADOS

O trabalho MODERNISMO - Arquivo Virtual da Geração de Orpheu de <https://modernismo.pt/> está licenciado com uma Licença [Creative Commons - Atribuição-NãoComercial-CompartilhaIgual 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/4.0/).